

The Industrial Revolution and Economic Growth

Por R. M. Hartwell. London, Methuen & Co. Ltd. 1971, 423 p.

Falta aos estudiosos em geral, e aos economistas, em particular, um quadro teórico que possa servir como instrumento de análise das causas e das conseqüências econômicas e socioculturais da industrialização. O que existe são meras descrições dos fatos verificados e registrados pela história ou, então, interpretações carregadas ideologicamente do que possa significar a industrialização para um país ou para um conjunto de países. Raramente encontramos literatura que se dedique a, por exemplo, explicar o "porquê" da Revolução Industrial; encontramos, isto sim, farto material sobre o surgimento do capitalismo propriamente dito, preocupação esta que obscureceu outros aspectos fundamentais da história econômica, e que mereciam uma atenção toda especial.

Sem a menor sombra de dúvida, o objetivo proposto pelo Professor R. M. Hartwell, ao publicar uma coleção de trabalhos e ensaios de sua autoria, não pode ser considerado desprezível. Isto porque, ao redigir a introdução à obra, o autor define como meta primordial o estudo e o entendimento da mudança e do crescimento econômico, bem como analisar as conseqüências destes fenômenos ao nível do bem-estar das populações. Evi-

dentemente, o livro *The industrial revolution and economic growth* não consegue esgotar, nem tampouco elucidar toda a problemática que envolve o fenômeno da mudança econômica e social, especialmente quando o objeto de estudo é a industrialização, proposto pelo autor como exemplo de crescimento econômico. Pelo contrário, o autor propõe como quadro de referência "um complexo modelo explicativo do processo social integrado de variáveis independentes" que só pode servir para acirrar a discussão e a controvérsia em torno deste assunto, pois o autor praticamente se esquece de dar corpo a este "modelo explicativo" deixando o leitor desorientado quanto ao seu real significado.

O volume reúne 17 artigos, alguns dos quais inéditos, escritos entre 1958 e 1970, cobrindo três áreas fundamentais: a) a metodologia da história econômica; b) as causas e os processos da Revolução Industrial; e c) as conseqüências sociais e econômicas destes mesmos processos.

Na sua discussão sobre a metodologia, o Prof. Hartwell discorre sobre as abordagens tradicionais na área de história econômica, apontando as devidas modificações que deveriam ser nelas introduzidas. Diz ele que, analisando o que já foi produzido pelos estudiosos da história econômica, podemos observar inconsistências evidentes e opiniões preconcebidas que vieram a deturpar todos os possíveis resultados de suas análises — afirmação esta não especialmente reveladora ou profunda, já que absolutamente não nos encontramos no capítulo final da eterna discussão sobre a possibilidade ou não da objetividade nas ciências sociais. Ainda nesta parte inicial, o Prof. Hartwell preocupa-se em definir a Revolução Industrial como sendo uma das grandes "descontinuidades" da história, comparável ao Renascimento, ou até à Revolução Francesa. A Revolução Industrial marcaria assim a divisão entre um mundo de baixo crescimento populacional e econômico, e um mundo caracterizado por um progresso econômico assustadoramente rápido, possuidor de uma população que cresce a elevadas taxas percentuais. O desconhecimento do autor quanto aos problemas de crescimento demográ-

fico dos países subdesenvolvidos é patente.

A segunda parte da obra é dedicada ao estudo das "causas e processos", ou como frisa o próprio autor, "uma tentativa de analisar a industrialização inglesa dentro do esquema proposto pela análise econômica, isto é, mediante estudo quantitativo da Revolução Industrial e de suas conseqüências". No entanto, a ausência de dados empíricos e de um levantamento quantitativo mais profundo torna toda a exegese extremamente frágil, exigindo, como foi mencionado, uma base empírica mais sólida. O que é singular é o fato de que o Prof. Hartwell convoca, na introdução do livro, os jovens economistas a dedicarem-se ao levantamento dos dados quantitativos que, segundo ele, comprovariam suas teses, deixando entender que estaria impedido, em virtude de sua idade, de proceder, ele mesmo, ao levantamento das estatísticas. Sem dúvida, a inclusão de evidência empírica acerca das condições de vida das massas, da remuneração dos fatores de produção, etc., contribuiria para reforçar as teses propostas pelo autor.

Como conclusão, o terceiro conjunto de ensaios estuda as conseqüências sociais e econômicas da Revolução Industrial, enfatizando a contravérsia existente em torno da elevação ou declínio do padrão de vida (*standard of living controversy*) como conseqüência do processo de industrialização. Os efeitos da Revolução Industrial sobre o salário real, e sobre as condições de trabalho e de habitação das classes laboriosas são analisadas com bastante cuidado. Porém, segundo o autor, os "pessimistas" que propõem a tese de que o crescimento econômico poderia resultar numa queda do "padrão de vida" justificam-se pelo uso de três modelos, a saber: o modelo malthusiano, o modelo da concentração da renda e o modelo do declínio nas relações de troca. O Prof. Hartwell argumenta que estes modelos são irreconciliáveis com os fatos objetivos e, portanto, com a própria história; assim, toda a controvérsia sobre o possível declínio do padrão de vida deveria ser substituída por outra, que seria analisar, não o *standard of life*, mas sim, o *quality of life* ou ainda *way of life*. Falta ao ilustre professor

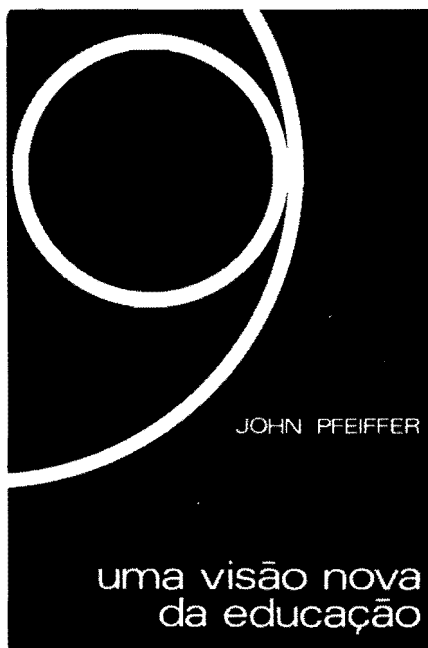
da Universidade de Nuffield uma visão das conseqüências do processo industrializante nos países subdesenvolvidos, onde perdura ainda, e com razão, a controvérsia inicial.

Não podemos negar a importância da obra para os estudiosos da Revolução Industrial, pois encontramos nela uma abordagem muitas vezes singular e única, especialmente quando manipula as variáveis determinantes do crescimento econômico, tais como a educação e a estrutura jurídica. Porém, é bem possível que *The industrial revolution and economic growth* venha a servir não para elucidar a problemática da mudança e crescimento econômico, e sim para torná-la ainda mais confusa.

Franklin Lee Feder

Uma Visão Nova da Educação: (Systems Analysis) ou Análise de Sistemas em Nossas Escolas e Faculdades

Por John Pfeiffer. São Paulo, Cia. Editora Nacional, Editora da Universidade de São Paulo, 1971. Com apresentação de Anísio Teixeira.



A análise de sistemas, ou análise operacional, como vem sendo chamada, diz respeito ao conjunto de processos envolvidos na utilização do computador. A sua extensão ao campo educacional, experiência bastante recente, não produziu ainda resultados definitivos, métodos precisos a serem incorporados num conjunto de conhecimentos universais a respeito da solução dos problemas educacionais. É, contudo, uma possibilidade que surge com amplas perspectivas de transformação dos atuais métodos de planejamento educacional, operando uma verdadeira revolução nas concepções tradicionais que vingarão a despeito do problema.

Análise de sistemas e planejamento estão intrinsecamente ligados. E tanto um como outro só têm condições de se desenvolver amplamente nos países superdesenvolvidos. Segundo Anísio Teixeira, o emprego da análise de sistemas às situações sociais de determinada nação pressupõe a existência de certa homogeneida-

de em tais situações, para que possam ser rigorosamente classificadas, "para se caracterizarem algumas 'uniformidades' sobre as quais se possa pensar e argumentar com lógica e plausibilidade". Ora, tais "uniformidades" não são encontradas, de um modo geral, nas situações sociais dos países subdesenvolvidos. Quanto mais, de um modo particular, nas suas situações educacionais, em que cada região, cada cidade, cada escola constitui uma unidade diferente — "pois são diferentes os professores, as condições da escola, os alunos, o material disponível para educação, etc." (Apresentação).

Deste modo, embora a necessidade de racionalização e de planejamento se imponha hoje em dia de modo agudo aos países subdesenvolvidos (o Brasil constitui um exemplo característico), a problemática da presente obra — isto é, a extensão da análise de sistemas à educação — restringe-se, no momento, aos países superdesenvolvidos, onde já se conseguiu um elevado nível de padronização geral dos sistemas educacionais, requisito indispensável ao bom rendimento do emprego da análise operacional. Mais especificamente, o livro versa sobre as experiências norte-americanas no setor. Experiências estas, aliás, bastante escassas, visto, como nos referíamos anteriormente, a extrema novidade de tal abordagem. Devido a tal limitação, boa parte do livro discorre sobre os processos gerais envolvidos na análise operacional e sobre os vários campos em que sua utilização foi passível até hoje — entre outros, destacam-se problemas militares (defesa e tática), sociais (pobreza, conflito racial, etc.), bem como problemas relativos a política internacional. Numa perspectiva histórica do desenvolvimento da análise de sistemas e sua aplicação, é interessante notar como as experiências primeiramente realizadas num determinado setor, o militar, generalizaram-se para vários outros.

O mais importante, entretanto, são os processos gerais envolvidos na análise de sistemas e a compreensão do que esta significa, abrangendo desde o próprio modo de pensar, de encarar os dados pertinentes a uma situação determinada, até os detalhes do planejamento de pesquisa.